



## Editorial

*“Desejo afastar a atenção da sequência psicanálise, psicoterapia, material da brincadeira, brincar, e propor tudo isso novamente, ao inverso. Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde; o brincar conduz a relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.”*

Winnicott – O Brincar: uma exposição teórica, 1971

O tema da Revista Mineira de Psicanálise deste ano, “Técnica”, se presta a muitas diferentes interpretações. Pensar a partir da epígrafe acima, da obra seminal de Winnicott *O Brincar e a Realidade*, nos facilita de certa maneira uma abordagem da nossa forma de brincar, ou de jogar. A psicanálise não é um jogo qualquer, como ele mesmo diz. Trata-se de uma “forma altamente especializada” do jogo, com suas próprias regras e condutas.

Entretanto, isso não significa que seja um jogo que praticamos de maneira uniforme. Os vários desenvolvimentos teóricos e técnicos ao longo dos 120 anos de história da psicanálise nos trouxeram evoluções e variações técnicas enormes: a técnica da análise com crianças, a descoberta da contratransferência, o trabalho ampliado sobre o enquadre, enfim, dentre inúmeras outras questões. Esse número se dedica a algumas delas.

Alexandre Patricio traz, em seu artigo *Entre Narrativas e Contemplações: A Interseção da Crítica de Han com a Técnica Analítica Winnicottiana*, uma articulação da ideia de crise de narrativa, do filósofo Byung-Chul Han, com desenvolvimentos técnicos da clínica de orientação winnicottiana. Faz uma crítica importante a respeito da experiência de terapeutas que desejam “fazer muito” durante uma sessão, sendo que com isso perdem um pouco a concepção mais existencial do ser autêntico, que demanda outro tipo de tempo e atenção.

‘José Henrique P. Silva, no texto *Aspectos do Manejo Diante da “Ameaça de Colapso”*, contribui com aspectos da teoria de Christopher Bollas, que trabalha adaptações necessárias do manejo e do enquadre para o trabalho de angústias profundas dos pacientes, conectadas com a experiência do colapso. *Ferenczi e Winnicott: os antiprocurstianos*, de Luiza Moura, traz inquietantes questionamentos a partir de Ferenczi e a imagem do “divã de procusto”, que teria mais um uso de normatização da teoria, da técnica e, logo, dos pacientes, do que de uma análise necessariamente mais individual dos pacientes, o que conduziria a uma técnica “elástica”.

Adiante, Elaine Guimarães Oliveira escreve, em *Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: expansões da técnica psicanalítica*, sobre um importantíssimo assunto, o trabalho clínico envolvendo não apenas um paciente mas o trabalho realizado com a família, uma evolução técnica que amplia significativamente o campo de trabalho terapêutico.

Ana Paula Terra Machado, com o trabalho *Modificações da técnica e do enquadre nas enfermidades somáticas*, trata do tema da psicossomática, a partir de autores da Escola de Paris, para discutir o complexo tema destas enfermidades, que durante décadas foi desafiador para os analistas, muitas vezes sendo considerado inalcançável para o trabalho analítico. Para que ele possa acontecer, também serão necessárias adaptações do enquadre para além da chamada “análise clássica”.

Por fim, dentro de nossa seção temática, Estella Santa Bárbara Souza, a partir do artigo *Os Limites do Diagnóstico Psicanalítico Clássico*, traça um importante panorama das teorias diagnósticas psicanalíticas, partindo de Freud e passando por autores relevantes da orientação lacaniana como Colette Soler e Antônio Quinet.

Ressalta como essa evolução foi importante em termos da ampliação das possibilidades de diagnóstico, a princípio, limitadas nos primórdios da teoria.

Completando nosso número, dentro da Seção “A Produção da SBPMG”, temos o artigo *Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion*, de nossa psicanalista Gisèle de Mattos Brito (que é parte de seu livro *A mente primordial: Entre luz e sombra*, lançado pela Editora Blucher). Trata desse relevante conceito da obra de Bion, surgido a partir de necessidades clínicas para abordar aspectos extremamente profundos e dolorosos das partes mais difíceis de acessar da mente dos pacientes, mas que possui papel relevante na compreensão clínica.

Esperamos que a leitura destes trabalhos represente um recorte das ricas e variadas discussões sobre a teoria da técnica e sobre a técnica que ocorrem em nosso tempo, um testemunho da vivacidade do “nosso jogo”, a experiência analítica. Boa leitura!

**Leonardo Siqueira Araújo**

**Editor**

**Conselho Editorial da Revista Mineira de Psicanálise**

Maria Goretti Machado

Kátia Maria Amaral dos Santos

Cecília Cruvinel Colmanetti Costa